Nove em cada dez técnicos de apoio educativo consideram salários desajustados das funções

nowcanal.pt/ultimas/detalhe/nove-em-cada-dez-tecnicos-de-apoio-educativo-consideram-salarios-desajustados-das-funcoes

Lusa November 21, 2026



Nove em cada dez técnicos de apoio educativo consideram salários desajustados das funções
FOTO: iStockphoto

Portugal

Adicione como fonte preferencial no Google

Apesar das preocupações, a maioria não esteve envolvida em nenhum dos vários cenários apresentados no inquérito e que incluem situações de abuso verbal por parte de alunos ou pais, ameaças ou agressões físicas.

Nove em cada dez técnicos de apoio educativo consideram os salários desajustados das responsabilidades das funções que desempenham e defendem a criação de uma carreira específica, segundo os resultados de um inquérito divulgados este sábado.

As conclusões resultam de uma consulta nacional realizada pela Federação Nacional da Educação (FNE), entre 15 de setembro e 23 de outubro, sobre as condições de trabalho de técnicos superiores e assistentes operacionais e técnicos.

Entre as mais de 1600 respostas, a esmagadora maioria dos profissionais considera a remuneração insuficiente e afirma que o salário auferido não corresponde às responsabilidades associadas às funções desempenhadas.

Com a remuneração, excesso de trabalho e progressão na carreira no topo das preocupações, 96,7% dos inquiridos defendem a criação de uma carreira própria, esperando que se traduza, sobretudo, na valorização salarial, mas também em melhores condições de progressão profissional e reforço da formação.

Ainda assim, a maioria sente-se realizada profissionalmente e reconhecida pelo seu papel na escola.

Questionados sobre as perspetivas de futuro para os próximos cinco anos, apenas 17% tencionam mudar de atividade, ainda que 10% admitam continuar, mas por falta de alternativa.

“Há um forte compromisso e envolvimento com a escola em que os participantes trabalham, embora seja muito forte a perceção de uma valorização salarial e profissional insuficiente”, refere o relatório apresentado hoje pela FNE e pela Associação para a Formação e Investigação em Educação e Trabalho (AFIET), ligada à federação sindical.

Outra das dimensões analisada na consulta nacional relaciona-se com a indisciplina em contexto escolar, que 44% dos profissionais inquiridos considera ter aumentado face ao ano anterior.

Entre os problemas de comportamento que mais preocupam os trabalhadores não docentes das escolas, surgem a incapacidade de seguir regras, o abuso verbal e a violência e ‘bullying’ entre alunos.

Apesar das preocupações, a maioria não esteve envolvida em nenhum dos vários cenários apresentados no inquérito e que incluem situações de abuso verbal por parte de alunos ou pais, ameaças ou agressões físicas.

Perante casos de indisciplina, quatro em cada 10 não sentem quaisquer dificuldades em lidar com os problemas, mas outros queixam-se da difícil articulação com os encarregados de educação, falta de apoio da direção das escolas e formação insuficiente em gestão de conflitos.